

# A CIDADANIA E A QUESTÃO DA POBREZA

**Autor: Lucia M.S. Post<sup>1</sup>**

**Orientador: Anderson de Castro<sup>2</sup>**

Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI

Curso (FLC4399CPO) – Projeto de Ensino (CPO102)

30/09/2022

## RESUMO

A questão da pobreza figura em nossos dias desde o advento desses. Sendo caracterizada pelas disfunções de sociedades desiguais e se fazendo presente em inúmeros cenários e contextos, ela certamente tem sido alvo de pesquisas e teorias ao longo da história. Ainda que estudiosos do tema deem outros nomes ou abordem o assunto com outras roupagens, pode-se considerar que a exclusão social figura as realidades nas mais longínquas realidades sociais. Enquanto isso, figuram os incansáveis que tem fome e sede de justiça e tem dedicado seus estudos, pesquisas e carreiras na luta pela cidadania, buscando solução para a problemática social denominada pobreza. Mas é esse um problema apenas do Estado e afinal quem é o Estado? Na caminhada das resoluções sociais somos todos conclamados a luta, a verdadeira manifestação e superação da que parece eterna questão da pobreza. Pretende-se, portanto, discutir a problemática da questão da pobreza quanto a existência, a fim de analisar sua presença na sociedade e encontrarmos juntos o caminho da dignidade e cidadania a toda vida humana no planeta terra.

**Palavras-chave:** Cidadania. Pobreza. Sociedade.

## 1 INTRODUÇÃO

O conflito entre Cidadania e a questão da pobreza requer um período de aprofundamento, deixando de lado as polarizações e adentrando o campo da reflexão e da ação política. Mas inicialmente vamos conceituar *cidadania*; segundo o dicionário Michaelis On-line, refere-se à qualidade de cidadão e ou título honorífico conferido como homenagem a um indivíduo por uma cidade, ainda pode ser compreendido nas expressões de Cidadania adquirida e nos termos jurídicos como a que é resultante da naturalização.

Enquanto isso, a questão da pobreza tem um conceito vasto e impreciso, pode-se dizer que se relaciona com a questão social, algo inerente as relações de desigualdade,

---

<sup>1</sup> Acadêmico do Curso de Bacharelado em Ciência Política; E-mail: 880992@aluno.uniasselvi.com.br

<sup>2</sup> Tutor Externo do Curso de Bacharelado em Ciência Política – Polo Velha; E-mail: 82286@tutor.uniasselvi.com.br

miséria e pobreza, oriundas dos modos de produção que concentram poder e riqueza tendo por fatores determinantes, tempo e lugar, algo que historicamente vem se formando socialmente.

Essas duas ideias a respeito de cidadania e a questão da pobreza fazem parte da nossa formação enquanto indivíduos, algum momento de nossas vidas estudantis ou carreiras acadêmicas nos deparamos com essas definições, o artigo em questão visa o prisma que apresenta promover questionamentos acerca desses dois temas sensíveis e atuais e o que podemos mensurar dessa correlação.

Percebido assim, o problema abordado nessa pesquisa visa apresentar uma parte compreendida da questão da pobreza e um recorte de como no final do século XIX, a longínqua Holanda se destaca nesse cenário através do personagem Abraham Kuyper, figura essa que atuou na educação, na política e oportunizou à sociedade dos Países Baixos inovação e consolidação na luta pelos direitos de cidadania.

Talvez no que tange a questão da pobreza, o assunto esteja um tanto desgastado ou em tempos que globalmente se configura um cenário sociopolítico polarizado, o argumento para trazer esse assunto a discussão é como podemos enquanto cientistas políticos tornar esse tema verdadeiramente atual e não mais requeitado em ideologias partidárias que visam seus próprios interesses; buscando trabalhar a problemática do prisma apresentado para a expansão e democratização do ideal de um avanço socioeconômico que abranja a todos.

A nossa visão de mundo e realidade nos forma enquanto sociedade e profissionais, nossa cosmovisão abraça defesas ideológicas e inspira quem a nossa volta se concentra, por isso, o cuidado de fazer dessa pesquisa uma pesquisa abrangente e convergente, que proponha uma discussão inspiradora e motivadora sobre a problemática e que a narrativa construída a partir das bibliografias construa pontes e não muros, pois através das pontes conseguimos interligar as histórias, assim, como proposto aqui, quando apresentaremos Abraham Kuyper e seu legado inspirador para o cenário político, mesmo um século depois o seu nome é atual e relevante.

No tocante a cidadania, sem dúvida é importante dizer que se a questão da pobreza parece um assunto desgastado, a pauta cidadania já deveria ter virado primazia em nosso meio, mas o cenário não inspira e a realidade não nos dá esperança, mas como bem gosto de referenciar os cientistas políticos, são como luzeiros na escuridão,

assim lanço o tema como fundamento dessa pesquisa, para que ao ser apresentado e estudado aqui, possa ser encorajador reivindicar e cobrarmos aquilo que é direito de todos, ainda que alguns não pensem assim ou trabalhem ao contrário para essa verdade.

Aprofundando o tema proposta para estudo e observação, serão abordados tanto os conceitos e como várias análises literárias, bem como as respectivas expressões que essas apresentam no propósito de remontar a história e a trajetória da compreensão da sociedade e seus enfrentamentos. Em seguida, proponho apresentar uma breve jornada do herói através de Abraham Kuyper. Por último, apresento uma análise reflexiva sobre a postura de todos os indivíduos cidadãos de uma mesma sociedade e proponho buscarmos respostas juntos e trabalhando com a diferença e os diferentes para reformar a questão da pobreza vigente em nosso meio, não importa onde estejamos.

## **2 UMA HISTÓRIA DE CIDADANIA E POBREZA**

Embora séculos e séculos remontem o conceito de cidadania e esse termo cidadania traga na sua gênese a conotação política acerca da vida urbana, a vida coletiva, o bem comum e o bem da cidade; ainda assim, será que os séculos e séculos foram capazes de traduzir e descrever o tipo de vida que um ser humano poderia esperar por ser humano? Afinal esse senso de bem comum não remonta apenas a vida física, mas a integralidade dessa vida, incluindo a vida psíquica, algo que se associa ao que Aristóteles chamou de Eudaimonia, o tal conceito de felicidade, ordem coletiva, bem comum, sumo bem. Colocando luz em tudo isso, será que estariam todas essas virtudes ao alcance de todos; pois, cidadania no que tange direitos, implica direito civis, direito político que seria a participação na vida da política dessa cidade e o direito social, que é aquele que assegura a garantia dessa vida digna a todo e qualquer ser humano dessa pólis mundial.

Ao final da Revolução Gloriosa (1688 – 1689) surge a Bill of Rights, uma carta criada e aprovada pelo Parlamento da Inglaterra, na época, talvez não se imaginasse o quanto isso impactaria para o futuro dos direitos humanos, mas esse documento foi um gigante do seu tempo, de forma democrática representou um avanço no que se refere a direitos individuais.

A cidadania traduz aquilo que todo o ser humano deveria ter como seu e usufruir na sua qualidade de ser humano, representa que o Estado de Direito lhe oferece garantias para essa vida. Ainda assim, na jornada dos séculos e na construção dos direitos humanos universais é importante levar em consideração que em muitas sociedades ao redor do globo estão os “esquecidos”, aqueles que diariamente tem seu direito de bem-estar abafado e educação e comida não lhe são assegurados como o documento da Declaração Universal dos Direitos Humanos, em 1948 lhe sugeriu que seria. A comunidade mundial ainda não encontrou respostas ou todas as respostas que busca ou gostaria de ter sobre o abismo da pobreza, enquanto isso, parcela dessa comunidade se une para debater a problemática e insiste em não fechar os olhos frente a cenários desoladores dessas realidades que desejam os direitos que lhe foram prometidos e que asseguram sua humanidade.

As sociedades sociais ou instituições que nos rodeiam e de muitas formas guiam e governam a nossa vida são, de fato, muito importantes para nós e para a sociedade como um todo. Uma vez que constituem atitudes fundamentais morais, elas são cruciais para a formação do capital moral. Definimos isso como a capacidade humana de preocupação com o outro e preocupação com o mundo. (KUIPER, 2019, p. 148).

Mas verdadeiramente temos nos preocupado com o outro, com uma sociedade cada vez mais individualista, e um fator contribuinte para isso foi a Covid-19, quando devido ao isolamento obrigatório, só evidenciamos o isolamento que sempre desejamos ter. O homem quer sempre estar no centro das suas próprias questões, seus ideais e aquilo que o forma na sua jornada de individuo evidenciam o que o homem tem dentro de si. Sua própria satisfação, alcançar seus sonhos e aquilo que tanto almeja.

*Assim Caminha a Humanidade*, e sim me refiro ao filme de 1956 com Elizabeth Taylor, James Dean e Rock Hudson, aqueles estereótipos que o filme apresenta ainda estão presentes em nossas sociedades atuais, o que hoje podemos dizer é que dependendo da cultura do seu país isso pode ter se tornado mais ou menos velado. Isso quer dizer que na gênese da sociedade as questões sociais sempre estiveram lá, foram se protagonizando conforme seu tempo e aquilo que este exigia, a sociedade tem seu fluxo, suas cores e dilemas.

A realidade social não é uma caixa de surpresas de elementos que podemos ir unindo aleatoriamente uns aos outros como um quebra cabeça. A realidade social não é um caos; antes, revela uma ordem surpreendente. De fato, faz parte das nossas instituições mais profundas que, em meio ao colorido da vida social, mantenha-se uma certa continuidade de formas relacionais fundamentais. Certos padrões sociais se manifestam repetidamente e provocam reações idênticas na experiência humana. Existem padrões básicos que são reconhecidos há séculos. Mesmo quando uma sociedade se diferencia e surge uma série de estruturas sociais novas, parece que essas estruturas novamente respondem a padrões básicos fixos. (KUIPER, 2019, p. 152).

Tudo o que fomos no passado, no presente e no futuro não é mero resultado do acaso, a complexidade do mundo ao nosso redor, seus sistemas de valores e suas cosmovisões são um grande desafio para interpretarmos a cidadania e a pobreza. Mas entender como acontece o tripé Estado, cidadania e pobreza é o que nos faz pensadores de uma sociedade que deixa marcas seja no passado, no nosso tempo presente e isso diz respeito ao que estamos cultivando para a colheita do futuro. Esse tripé precisa ser desmistificado para ser analisado e trabalhado pensando no bem público social.

Não nos deixemos enganar: nem mesmo o melhor governo do mundo, o melhor parlamento e o melhor presidente podem realizar muita coisa sozinhos. E seria errado esperar um remédio geral unicamente deles. A liberdade e a democracia incluem participação e, portanto, a responsabilidade de todos nós. [...] Vocês talvez se perguntem com que tipo de república eu sonho. Deixe-me responder: eu sonho com uma república independente, livre e democrática; com uma república economicamente próspera e, ainda assim, socialmente justa; em suma, com uma república humana que sirva o indivíduo e que, portanto, tenha a esperança de que o indivíduo também a sirva. Com uma república de pessoas capacitadas, porque sem isso é impossível resolver qualquer um dos nossos problemas – humanos, econômicos, ecológicos, sociais ou políticos. (BURNET et al, 2019, p. 223 e 224).

De acordo com o site da PNUD (Programa das Nações Unidas para o desenvolvimento) mesmo antes de se considerarem a pandemia de COVID-19 e a atual crise do custo de vida, os dados mostram que 1,2 bilhão de pessoas em 111 países em desenvolvimento vivem em pobreza multidimensional aguda. Isso é quase o dobro do número de pessoas classificadas como pobres quando se define pobreza como “viver com menos de US\$ 1,90 por dia”; o artigo continua com a chocante informação de que mais de 50% das pessoas pobres (593 milhões) carecem de eletricidade e combustível limpo para cozinhar. Quase 40% das pessoas pobres (437 milhões) não têm acesso a água potável e saneamento. Mais de 30% das pessoas pobres (374 milhões) estão, concomitantemente, desprovidas de alimentos, combustível para cozinhar, saneamento e moradia.

Diante de cenários como esse a república que sonhamos, seja ela na África Subsaariana, no Sul da Ásia ou no nordeste do Brasil, exige trabalho e ações pautadas na cidadania e na garantia de direitos, isso não é tarefa simples, mas é uma tarefa de todos nós. O campo Cidadania tem a ver com liberdade e responsabilidade, tem a ver com justiça e empatia. Se encarrarmos a realidade de que a intervenção estatal não é suficiente e que essa engrenagem necessita de mais peças afinadas para um funcionamento eficaz, podemos começar a caminhar em direção a luz.

## 2.1 ABRAHAM KUYPER E A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Abraham Kuyper, um homem a frente do seu tempo, tão a frente que ainda nos inspira politicamente, filosoficamente e nos assuntos que cerne as questões sociais e o enfrentamento dessas como cidadãos de nossas pátrias. Cada esfera da vida de Kuyper contribuiu para a integralidade de seu serviço. Teólogo, filósofo, político, fundou dois jornais O Arauto e O Estandarte; o Partido Antirrevolucionário em 1879, primeiro partido político moderno da Holanda e a universidade Livre de Amsterdam. Em 1901 a 1906 atuou como primeiro-ministro holandês. Sua trajetória nos inspira e nos desperta para pensar a cerca da sociedade que vivemos e como temos sido agentes de transformação para o mundo.

Esse brincar imprudente com a sociedade humana se encontra entre todos os povos e tem sido propagado em todos os tempos da história; conduzido por pensadores e proprietários na vida particular, seguido posteriormente pelo governo sob sua inspiração, de forma não menos irresponsável. De fato, é absolutamente correto dizer que a questão social, de certa forma, se limita e é tratada de modo esporádico em grandes intervalos de tempo. Essa verdade faz com que muitos se encontrem iludidos pensando que a interferência do governo com respeito à questão social seja uma novidade de nossos dias. (KUYPER, 2020, p. 101).

A potência do Estado é o principal agente de interferência na questão da pobreza? Bem, nos estudos sobre Kuyper vê-se que o polímata não pensava dessa forma, ele compreendia que o Estado deveria ser o último estágio desse processo. Kuyper compreendia que cada cidadão deveria estar comprometido com a ação social, dedicar tempo, serviço e recursos aos necessitados.

De acordo com Kuyper (2020), é necessário que a desesperança de nossa vida social e as necessidades provenientes dela provoquem nossa profunda misericórdia. Mas

a misericórdia em ação nos leva a refletir e ver a pobreza como uma questão antropológica. Pois, muito dos males está na questão moral do homem. A bem verdade é que em muitos momentos os pobres foram usados como massa de manobra para interesses nada nobres de alguns que só almejavam suas próprias vitórias.

Kuyper realmente tinha uma visão progressiva de atuação na cultura e na sociedade. Ele era um oponente difícil de vencer, ele era um homem abrangente. Ele não somente falou como ele fez, brilhantemente executou. Suas palestras em Princeton promoveram um grande impacto; ele articulou essas ideias, era como criar um segmento na cultura, não um subsegmento, um gueto. Subcultura não é parceiro de diálogo. Curiosidade é subcultura. Mas ele digna e verdadeiramente articulou ideias que eram ouvidas no cenário público. Para Kuyper havia um inconformismo, pessoas que não tinham voz na sociedade, nem eram vistas, se tornaram mais do que motivo para que o direito de representatividade dessas pessoas fosse realmente defendido.

Na realidade, a pergunta que se torna decisiva para a questão social é se reconhecemos no menos afortunado, sim, também no mais pobre, ser este não apenas uma criatura, uma *persona miserabilis*, mas uma pessoa que vos é igual; uma pessoa com o mesmo sangue correndo em suas veias, e, por amor de Cristo, *seu irmão*. É exatamente esse sentimento *nobre* que, infelizmente, foi enfraquecido e embotado de maneira provocativa pelo materialismo deste nosso século. (KUYPER, 2020, p. 143, grifo do autor).

Ele quer que enxerguemos estoicamente. Sua luta defendeu desenvolvimento e preservação. Ainda assim, estamos imersos em uma sociedade e sua tensão. Não sejamos ingênuos, buscar a liberdade de articular nos coloca em conflitos. Mas em Kuyper há uma mensagem central, a liberdade das esferas sociais e a quebra do cativeiro da corrupção. Ele coloca que no diálogo acerca da questão social devemos procurar o caminho de reformar o habitat social.

Observamos que toda a questão social nasce da ligação entre a nossa vida humana e o mundo material que nos cerca. Há, no entanto, por um lado, uma força que se encontra fora do alcance tanto desta vida humana como deste mundo material ao nosso redor a qual denominamos de natureza; por outro lado, existe uma força que é extraída da vontade humana a qual podemos chamar de forma sumária de *arte*. (KUYPER, 2020, p. 99, grifo do autor).

A expectativa em Kuyper é a transformação do mundo. Os tempos eram maus, os nossos dias são maus. Sem ser triunfalista para Abraham Kuyper o *Calvinismo* seria a melhor resposta ao mundo decadente. Ele realmente não é um retrogrado, ele é um

homem do renascentismo, assim como Leonardo da Vinci. Por ser esse homem a frente do seu tempo, sua visão conceituou transformação enquanto parte da cultura. Engajamento e transformação cultural e uma verdadeira redenção cósmica, onde todos são vistos, assistidos e encontram um lugar de pertencimento na sociedade.

## 2.2 HOJE LUTAMOS E TRANSFORMAMOS

Em seu livro *Contracultura*, David Platt nos convida a viajarmos em nosso imaginário e nos enxergarmos no topo do mundo, observando de lá a vastidão da miséria humana. Claro que em sua obra Platt aborda vários tipos de miséria, mas o que ricamente pode contribuir com esse trabalho de pesquisa é o segundo capítulo do livro de Platt onde ele continua a instigar nosso imaginário e relata um momento que vivenciou em uma aldeia asiática e segundo o autor lá ele viu a pobreza personificada. Ao nos descrever Sameer o personagem que dá vida ao que o autor chama de pobreza personificada, realmente ficamos perplexos diante da situação indigna que vive Sameer.

Ao longo de todo o capítulo dois, Platt vai nos provocando, como que a ponto de nos incomodar, e é isso mesmo que autor deseja, o sentimento de inconformismo, é isso que ele quer trazer à tona dentro dos seus leitores.

E a pergunta surge, como temos avaliado as nossas riquezas? Sim, nossas riquezas. Segundo, David Platt todos temos nossas riquezas e elas tem que contribuir de alguma forma com este mundo. Para ele todos devemos ansiar e lutar por justiça e misericórdia no mundo.

Como veem, uma justificada indignação não é suficiente para mudar. É necessário um programa, é necessário se organizar. [...] Mas, para promover mudanças estruturais, mudanças duradouras, não basta ter consciência. São necessárias mudanças na lei, mudanças nos hábitos. [...] E por fim, para mudar é preciso mais que dizer o que se pensa – é preciso ouvir também. Em particular, é necessário ouvir aqueles de quem discordamos e estar dispostos a entrar em acordo. (DIONNE JR.; REID, 2020, p. 281, 283).

Sendo assim, todo o trabalho é importante para a sociedade. Tanto Platt, quanto Dionne Jr e Reid caminham em concordância, precisamos mais do que a máquina estatal a pleno vapor, sem corrupção, com o dinheiro público investido nas necessidades sociais, precisamos mais do que nosso inconformismo, temos que nos engajarmos



verdadeiramente em prol dos pobres, das viúvas, dos órfãos, dos refugiados e porque não dos encarcerados.

Diálogos de sabedoria precisam começar agora, ouvir quem discordamos se faz resposta para a crise da sociedade e o abismo da pobreza. Essa mesma pobreza que são as trevas de muitos cidadãos, a falta de água potável, comida, roupas, medicamentos, um teto sobre a cabeça a noite, é mais real do que eu e você verdadeiramente costumamos nos lembrar.

A carência social se torna ainda mais grave ao passo que a luxuosa burguesia ostenta sua pompa e estimula por meio desta uma *falsa necessidade* aos menos favorecidos. Essa ostentação mina o contentamento com pouco, leva os mais pobres à insatisfação que cresce ainda mais à medida que possuem menos com o que se alegrar. O arder do desejo febril do hedonismo aumenta exponencialmente enquanto a 'irreal fonte de alegria' se torna cada vez mais escassa. (KUYPER, 2020, p. 115, grifo do autor).

Mas não devemos nos importar e lutar porque nos sentimos constrangidos, isso tem que ser algo real e autêntico dentro de nós, temos que gerar uma obra voluntária, urgente e alegre. Se remontarmos a ideia de Estado e entendermos a concepção que o *Estado* também somos nós, isso reverberara em nós um espírito de democracia e que a verdadeira democracia está no seu povo, na sua sociedade. Não estamos na França Luís XIV, ele não pode mais dizer 'o estado sou eu'. Ainda que soe utópico, trabalhar nesse pensamento nos amadurecerá a trabalharmos com os diversos coletivos, respeitando os seus direitos, ressaltando seus deveres, exemplificando vidas que testemunhem uma sociedade equalitária, e assim, no jogo democrático, respeitando as regras da democracia estaremos exercendo liberdade e democracia, e isso não é algo distante, mas precisa ser uma prática cotidiana para cada um de nós, para só então construirmos juntos a dinâmica da desconstrução da pobreza ou a construção da real cidadania.

### **3 MATERIAIS E MÉTODOS/METODOLOGIA**

Esse trabalho nasce e se apropria da abordagem explicativa, pois para a construção do artigo foram utilizados como fontes livros, pesquisas, periódicos, entrevistas de pesquisadores do tema em discussão. Dentro dessa temática fiz uso de algumas leituras complementares indicada pelos autores que são apresentados nesse

presente trabalho, todas as leituras foram de suma importância para a construção da discussão e dos fundamentos para o tema proposto.

Nos alicerces da fundamentação teórica, além dos presentes autores, os sites como Brasil Escola e Revista Cult contribuíram para o fortalecimento da pesquisa. A Revista Brasileira de Políticas Públicas e Internacionais foi importantíssima para que a pesquisa ganhasse mais envergadura e pudesse verdadeiramente defender os pontos que está apresentando nessa dinâmica de apresentar um cenário que proponha convergência entre cidadania e a questão da pobreza.

Um dos principais e mais fundamentais pilares que foi analisado e apresentado na pesquisa é que a questão da pobreza está na história do mundo, ainda que pareça que de tempos em tempos ela fique despercebida, ela também de tempos em tempos ressurgem repaginada de novas cores e discursos requeitados com novos rostos de ativismos. Mas a questão social que referencia a pobreza global está em nossa realidade há mais tempo do que gostaríamos que ela estivesse, uma espécie de calcificação, cauterização, entretanto uma ferida cauterizada nos lembra que aquela pele não sente mais nada, tudo está morto, insensível.

A questão social passou a caracterizar-se, assim, por uma preocupação em manter a coesão de uma sociedade ameaçada de fratura. Perante esta ameaça, nesse sentido, justiça é o mesmo que verdade. Ela requer um ponto fixo de referência, cuja existência se dá à parte das leis humanas e das nossas crenças sobre o que é bom e certo. É um padrão diante do qual até os mais poderosos têm de prestar contas. Sem essa Lei superior, a justiça se torna arbitrária e muda conforme quem esteja no poder. (FERREIRA, 2022).

Toda a metodologia contribuiu para manter os olhos dessa graduanda fixos no tema, na história e para onde a investigação do proposto estava caminhando, a abordagem explicativa desse trabalho propôs construir uma narrativa que possa verdadeiramente fomentar a discussão e orientar possíveis acadêmicos que tenham acesso a esse material, não cabe a mim conscientizar ninguém, sabemos que não temos esse poder, mas cabe a todos nós construir diálogos construtivos de esperança para uma sociedade civil mais alegre por ter sua cidadania garantida e exercida em todas as esferas que essa é requerida.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Filantropia, caridade extrafamiliar, amor pelo ser humano, é um produto do pensamento econômico que necessitamos desenvolver. Esse trabalho acadêmico não objetivou ao longo da sua jornada de pesquisa responder se a igualdade social é o resultado, mas procurou defender o pensamento de que todos são parte da engrenagem vigente para uma vida digna a cada homem e mulher, criança, velho, cada indivíduo, ser humano do globo.

A cidadania que sonhamos e buscamos pode parecer um ilha distante diante do cenário complexo e polarizado que aparece no radar do nosso barco, mas ela certamente não é utópica, resgatando a definição já apresentada na presente pesquisa, se o Estado somos nós, nós compomos o sistema, nós somos a combustão da máquina estatal, o Leviatã de Thomas Hobbes não deve ser tomado como o salvador e resgatador dos pobres e aflitos vulneráveis, mas deverá ser uma instituição responsável que seja a grande garantidora de que a cidadania seja exercida na vida de todos os indivíduos, independente de suas cores, línguas e nações.

Obviamente, não se trata de conjunto de ideias acerca de novas redistribuições, mas de como podemos contribuir com outras pessoas com aquilo que já temos, como nossas atividades particulares podem gerar um ciclo de responsabilidade e como essa estratégia pode construir instituições educacionais, artísticas e comerciais que perduram por muitas gerações e que possam formar uma sociedade sadia e prospera em todas as suas esferas.

A realidade das diferentes classes sociais não precisam ser um fim em si mesmas, a expectativa dessas distinções não é que desapareçam, mas que as classes possam dialogar, que o Estado possa garantir a cidadania e que essa cobiça humana desenfreada possa ser identificada sinalizando uma responsabilidade providencial e absorvendo as necessidades múltiplas das classes sociais na terra. Em vez de tentarem se arruinar, conclamarem e ofertarem com generosidade suas mais diversas riquezas e habilidades.

Seguindo adiante, essa pesquisa produziu com base nos pilares bibliográficos que utilizou para emoldurar uma possível imagem social se todos desenvolvermos a discussão a respeito do real significado de cidadania e pobreza e o essencial desses termos é como chegarmos ao que de fato precisamos mover para promover essa transformação rumo a humanidade com uma certa simetria.

Esperança frente à dificuldade, a esperança frente à incerteza, a audácia da esperança: no fim das contas, esse é o maior dom de Deus, o fundamento de nossa nação, a crença em algo que não é visto, a crença de que dias melhores virão. Eu acredito que podemos ajudar nossa classe média e abrir um caminho rumo à oportunidade para as famílias de trabalhadores. Eu acredito que podemos proporcionar empregos aos desempregados, casas aos sem-teto e resgatar jovens de cidades, em todo o país, da violência e do desespero. Eu acredito que estamos sendo levados por ventos propícios e que, na encruzilhada da história, somos capazes de fazer as escolhas certas e enfrentar os desafios que se apresentam. (DIONNE JR.; REID, 2020, p.37, 38).

O Programa das Nações Unidas para Desenvolvimento nos alerta entre 2020 e 2021 registrou-se a mais grave crise sistêmica da era global. A crise da pandemia de covid-19, além de ceifar milhões de vidas humanas, derrubou o nível geral do bem-estar das pessoas, limitando suas oportunidades e atingindo o coração do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), que mede a situação de saúde, educação e condições de vida das pessoas em seus países. Pela primeira vez nos mais de 30 anos desde que foi publicado, o IDH diminuiu globalmente por dois anos consecutivos e, em 2021, 90% dos países retrocederam, fazendo a média global voltar, num flashback, aos patamares de 2016.

Segundo o PNUD, a comunidade global precisa investir e proteger os mais vulneráveis; construir resiliência contra as adversidades, principalmente as crises sociais e climáticas; e promover a pesquisa científica e social na busca por soluções tecnológicas para os problemas globais. É necessário conectar investimento, proteção e inovação, adotando quatro princípios motivadores: flexibilidade, solidariedade, criatividade e inclusão. Esses princípios – que se podem reforçar mutuamente – contribuirão para alinhar as políticas e instituições aos fins a que se destinam.

Mesmo nos séculos 18 e 19, os trabalhadores estavam sempre cientes e operando contra aqueles que ‘jogavam com o sistema’ e apareciam em vários centros a fim de receber auxílio desnecessário. Esses corruptos eram tão adeptos das ‘rondas’ que o coloquialismo ‘rondador’ entrou no léxico de muitas instituições de caridade especificamente para descrevê-los. No caso de determinada cidade, cerca de 70 receptores da assistência patrocinada pelo governo possuíam mais bens (em termos de casas e carros) do que a média de moradores da comunidade que não eram pobres. A falta de responsabilidade associada a uma consciência sentimental e cheia de culpa cria um poderoso incentivo para indivíduos que prefeririam tirar de outras pessoas a mudar seu estilo de vida. (HALL; BURTON, 2017, p. 141).

Por certo, a comunidade global necessita caminhar no propósito de proteger e trabalhar para gerar vida digna aos vulneráveis, a forma como vivemos responde a essa implicação, se somos os que dormem sem pensar nisso, certamente continuará a

aumentar os números desses índices negativos globais, a aqueles que isso parece de difícil compreensão precisa ser despertados e vir para a reflexão.

A discussão não se encerra com o fim dessa pesquisa, mas ela promove o início do pensamento, o que estamos fazendo com nossas riquezas, dentro da nossa realidade como podemos ser agentes de transformação e oferecer uma transformação real e eficaz para tantas vidas cicatrizadas pela marginalização socioeconômica. Na realidade, todos fomos convocados pela cidadania para assim como Abraham Kuyper caminarmos com passos firmes uma luta que representar aqueles que estão com suas vozes abafadas na sociedade, é tempo de sermos os kuyperianos do século XXI e reformar a questão da pobreza e quiçá colocá-la no museu como bravamente luta Edu Lyra e a sua Gerando Falcões.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A proposta do presente artigo talvez seja encarada como terreno pantanoso por aqueles que tiverem acesso ao seu conteúdo, mas essa pesquisa dinamizou a sua jornada como algo que possa ser refletido por todos os que estão dispostos ao enfrentamento de diálogos de esperança, conversas cruzadas que construam e instruam, um momento onde a polarização é deixada de lado, os nossos interesses são deixados de lado e caminhamos todos em prol daquilo que é maior e que foi desde o seu primeiro *insight* o farol dessa pesquisa, que é o indivíduo, os direitos desse e tudo aquilo que pode ser trabalhado, transformado e oportunizado para esse ser humano..

Diante disso, particularmente nessa caminhada acadêmica aprendo a olhar o meu diferente com empatia, com generosidade e com sabedoria para não cair no engano do sentimentalismo. Como a alma de uma eterna acadêmica quero continuar a jornada da discussão fomentando o tema, construindo pontes para o diálogo acerca dessa sociedade apresentada na pesquisa.

No que tange os desafios encontrados ao longo da pesquisa, particularmente e pontualmente identifico que tenha sido deixar os pontos de vistas que me influenciam, aquilo que forma a minha cosmovisão de lado e partir para a jornada com um olhar científico, buscando realmente desenvolver aquilo que a pesquisa se propôs, caminhando na construção de alcançar os objetivos através dos autores que foram os grandes pilares desse trabalho.

Certamente, observo que finalizo a pesquisa crendo que caminho sobre os ombros de gigantes, digo isso, porque a construção bibliográfica, a busca das pesquisas, as entrevistas assistidas, os autores utilizados nas citações são de fato gigantes do pensamento que através de seus legados formaram e ampliaram meu saber e de forma diligente se tornaram luzeiros para que eu não me perdesse em minhas próprias concepções.

Quanto ao objetivo da pesquisa, concluo que ela não chega a um fim em si mesma, mas que ela lança-se como forte orientadora para o tema da cidadania e propõe implicar-nos no que refere-se a questão da pobreza; questão essa pautada aqui como uma problemática de enfrentamento de cada um de nós, onde devemos avaliar e considerar todas as nossas habilidades em prol de um bem maior, os cidadãos esquecidos e sem voz em uma sociedade líquida, moderna ou pós moderna, uma sociedade que massacra e esquece os que não conseguem encontrar seu lugar nela.

A grande mudança de cenário talvez seja avistada no futuro, rogamos que seja próximo, ainda assim, a dinâmica do trabalho é para o agora, devemos nos ater a urgência do hoje e trabalhar com diligência para a construção do amanhã, quiçá no amanhã teremos estabelecido diálogos que formaram novos atores de uma sociedade mais justa, livre, economicamente saudável e estabeleceremos um cenário onde a esperança ganhou novo nome, realidade.

Essa pesquisa se estabelece para ser conhecida como uma fomentadora de uma nova realidade, que juntos, possamos ser a verdadeira mudança que sonhamos, almejamos, buscamos, e que juntos, possamos exaltar o real significado de cidadania e contar a história do que um dia foi a questão da pobreza.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, Escola. **Cidadania**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=c3mjvCfwRxc>>. Acesso em: 30 out. 2022.

BRASIL, Programa das Nações Unidas para desenvolvimento. **Relatório Anual 2021**. Disponível em: <<https://www.undp.org/pt/brazil/publications/relatorio-anual-2021>>. Acesso em: 11 nov. 2022.

BRASIL, Programa das Nações Unidas para desenvolvimento. **Tempos incertos, tempos de escolha**. Disponível em: <<https://www.undp.org/pt/brazil/blog/tempos-incertos-tempos-de-escolha>>. Acesso em: 28 nov. 2022.

BRASILIA, Universidade. **Revista Brasileira de Ciência Política**. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbcpol/>>. Acesso em: 20 nov. 2022.

BURNET, Andrew. **Os 50 discursos que marcaram o mundo moderno**. Td. Janaina Marcoantonio. Porto Alegre, RS: L&PM, 2019.

CAMPOS Jr., Heber. **Abraham Kuyper e a Transformação Social**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FX4dv8AHLB0>>. Acesso em: 10 nov. 2022

CULT, Revista. **A oposição a ser desconstruída é entre capitalismo e socialismo**. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/entrevista-oposicao-ser-desconstruida-e-entre-capitalismo-e-socialismo/>>. Acesso em: 27 nov. 2022.

DIONNE JR., E.J.; REID, Joy- Ann. **Nós somos a mudança que buscamos**. Td. Clóvis Marques. 3. ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2020.

FERREIRA, Fernando Ilídio. **A questão social, o Estado e o mito redentor da acção local: lógicas e tensões presentes nas políticas e no trabalho social**. Sociedade & Estado., vol. 23, 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69922008000300003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922008000300003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 28 nov. 2022.

FERREIRA, Franklin. Porque a justiça social não é a justiça bíblica. **Gazeta do Povo**. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/franklin-ferreira/justica-social-justica-biblica/>>. Acesso em: 28 nov. 2022.

FALCÕES, Gerando. Disponível em: <<https://gerandofalcoes.com/>>. Acesso em: 20 nov. 2022.

HALL, David W.; BURTON, Matthew D. **Calvino e o Comércio**. Td. Daniele Damiani. São Paulo: Cultura Cristã, 2017.

KUIPER, Roel. **Capital moral: o poder de conexão da sociedade**. Td. Francis Petra Janssen. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2019.

KUYPER, Abraham. **O problema da pobreza: a questão social e a religião cristã**. Td. Minka Lopes. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.

PLATT, David. **Contracultura: um chamado compassivo para confrontar um mundo de pobreza, casamento com pessoas do mesmo sexo, racismo, escravidão sexual, imigração, perseguição, aborto, órfãos e pornografia**. Td. A.G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2016.